# PERSPECTIVAS D'ESCOLA: D'ESCOLAGEM, DECOLAGEM

*Antonio Quinet*

Envio para os colegas da IF minhas perspectivas de Escola a partir do debate lançado na rede. Retomo aqui algumas das idéias que já estão circulando sem referência a quem-disse-o-que-onde para entrar no debate expondo um plano geral dessas perspectivas vistas do Brasil.

**1 - De volta ao futuro**

A efetuação da Escola de Lacan no Brasil é bem recente: ela data dos anos noventa, década que viu surgir os dispositivos de Escola nas Escolas já existentes (Escola da Letra Freudiana e Escola Lacaniana) assim como a criação da EBP da AMP em 1995. Dentre aqueles que participaram da criação da EBP e que hoje estão nos Fóruns do Campo Lacaniano, muitos fizeram parte de Iniciativa Escola. Parece que foi ontem: o entusiasmo pela perspectiva de fazer existir uma Escola de Lacan no Brasil principalmente com o dispositivo do passe, o esforço de constituir uma comunidade de Escola de âmbito nacional com intenso intercâmbio internacional, o trabalho de fazer existir produção e literatura analítica lacaniana no Brasil de boa qualidade, e principalmente a responsabilidade de constituir uma Escola responsável pela existência do discurso do analista e pela formação de analistas – eis alguns pontos que compunham o projeto comum que fazia muitos não medirem esforços na construção da Escola. O que nos motivava, senão o desejo, e mais precisamente o desejo de fazer Escola, que pode ser abreviado por "desejo de Escola"? Não pretendo discutir a validade desse termo, mas apenas acentuar que não era apenas o desejo de Um (que se

colocava como Outro) que estava em jogo. Mas o desejo de muitos, desejo de fazer Escola tal como propõe Lacan.

A criação da EBP pelo Delegado Geral, a implantação do dispositivo do passe de entrada e sua manipulação política (que foi se acentuando com a influência cada vez maior do papel do êxtimo da AMP), a crise desencadeada pela geminação Rio-Toulouse, o ataque ao trabalho efetuado no Brasil, o empuxo-à-guerra de brasileiros contra brasileiros, e também a repercussão no Brasil da crise dos cartéis do passe da ECF enfim tudo isso acabou por resultar aqui no Brasil na cisão da EBP, três anos após sua criação. Se relembro isso é para acentuar que, na recente história da Escola de Lacan no Brasil, a implosão da EBP, com suas terríveis conversações, foi um golpe no entusiasmo em relação à Escola e teve como conseqüência um descrédito senão uma desconfiança na possibilidade de se retomar o projeto de Escola para aqueles que querem prosseguir com Lacan.

Hoje, apesar de machucados, até mesmo traumatizados e com mais desilusões na algibeira, vemo-nos partindo de novo para o projeto do passado em que o futuro de uma Escola digna desse nome se acenava como desejável, possível e também necessário. Por que? Respondo de roldão: porque o projeto de Escola no Brasil foi abortado não pela execução de seus objetivos e funcionamento concebidos por Lacan, mas pela introdução por Miller de modificações no projeto de Lacan que não condiziam com este. O que Miller introduziu (o passe na entrada, o êxtimo, o submeter-se estutário da EBP à AMP, o gradus subsumido à hierarquia, entre outros) não condizem com o projeto de Escola de Lacan. Tudo o que havíamos discutido tão honestamente (ou ingenuamente) na Iniciativa Escola foi rapidamente por água abaixo, pois tudo (ou quase tudo) era alvo de negociação na EBP e nada podia se passar sem seu consentimento.

Onde estamos hoje? No plano institucional, constituímos Fóruns de discussão, criamos no Brasil a AFCL que em seus estatutos se define como um "campo que prepara a Escola" e na qual se efetuam os Seminários de Escola no Brasil; criamos a IF onde os Fóruns do Campo Lacaniano estão representados por delegados brasileiros legitimados por eleição e que reflete uma outra modalidade de organização internacional e de relação entre colegas de diferentes países de forma bem distinta da AMP. E agora? Trata-se a meu ver de retomar o projeto de Lacan de Escola sem os acréscimos e erros cometidos na EBP e na AMP. Pelo menos sem *esses* erros... e tratar os próximos novos erros de forma distinta, baseados nos princípios de iniciativa e solidariedade (cf. a Carta de princípios da IF).

De volta ao futuro: retomar o projeto de Lacan, ou seja, fazer a experiência de aplicar os fundamentos que se encontram nos textos de 1964

e o de 1967 como norteadores de nossa futura Escola. Isso significa a Escola com sua homenagem e seu gradus, ou seja, com seus AE e AME a serem nomeados segundo as indicações presentes nesses textos e alguns outros.

Uma vez constituído o Campo Lacaniano, com os FCL e as FCCL falta-nos agora a ECL, a Escola do Campo Lacaniano, que concordo ser o nome decorrente de nossa opção.

O Campo Lacaniano constituiu-se como internacional desde o início (cf. Fórum do Rio em 1998, RV de Paris em 1999), formalizou seu internacionalismo com a IF e deve ter uma Escola também internacional e múltipla, marcas de sua origem. Uma escola poliglota, policêntrica e polifônica.

**2 - A Escola como um lugar**

Tenho como perspectiva uma Escola como: lugar de formação e refúgio contra o mal-estar na civilização.

2.1- Formação na Escola e as FCCL

Enquanto lugar de formação, a Escola não deve competir com Formações Clínicas que é o lugar do ensino e da pesquisa que não exclui o discurso universitário. Na EBP as funções da Escola e do ensino foram confundidas desde o início, daí os Institutos que foram introduzidos para fazerem uma demarcação posterior. No Campo Lacaniano já partimos com a distinção entre os Fóruns que preparam a Escola e têm seus cartéis e seminários coletivos e as Formações Clínicas (FCCL) com seus seminários individuais, cursos, oficinas, redes de pesquisa, apresentação de pacientes, entre outros. Concordo que as atividades das FCCL referem-se à seção da Escola, descrita na Ata de fundação da EFP, relativa à "psicanálise aplicada". Mas a forma de se trabalhar não deve ser a mesma. Na Escola, esses mesmos temas devem ser trabalhados em cartéis, jornadas, mesas redondas e outras fórmulas a inventar que favoreçam a transmissão do discurso do analista. O que se produz e se elabora em FCCL não só deve repercutir na Escola, como é a Escola quem deve nortear suas atividades tendo em vista que é nela que se elabora a doutrina da psicanálise em intensão, a "psicanálise pura". Isto é, o aspecto de formação teórica e clínica.

Quanto ao aspecto da formação do analista a ser compreendida com sua própria análise (formação analítica=formação do inconsciente) também entra a Escola na medida em que pelo dispositivo do passe ela pode garantir a relação do tratamento analítico com o advento do analista.

A Escola como lugar de formação tem como corolário a garantia sancionada pelas designações de AME e AE. Não há garantia sem formação, e não há Escola sem ambas.

2.2 - Como lugar de refúgio contra o mal-estar na civilização, a Escola é o lugar de elaboração do discurso do analista em relação ou mesmo em contraposição aos outros discursos. É a interface da Escola que se conecta com os Fóruns, na medida em que nestes se elaborariam os outros discursos e outros campos do saber que não o freudiano.

Considero que se deva manter os Fóruns e as associações nacionais dos Fóruns, assim como as Formações Clínicas, quando vier a Escola, a qual deve vetorializar o conjunto. Articulações da Escola: a Escola pode se articular com FCCL por meio de sua seção de psicanálise aplicada e aos Fóruns por meio de sua seção recenseamento do campo freudiano e conexões.

**3 - Os dispositivos**

3.1 - Os cartéis devem constituir a base da Escola e dos Fóruns. Eles pertencem a ambos conjuntos. Não deve existir a meu ver dois tipos de cartéis, uns dos FCL e outros da Escola. Neles pode haver membros e não membros da Escola e também não membros de Fórum. Mas o cartel é inscrito e endereçado à Escola. Quanto à constituição do cartel proponho seguirmos as indicações de Lacan da fórmula afinada do cartel quando da Causa Freudiana.

Os cartéis podem constituir uma porta de entrada para a Escola, não o cartel como grupo mas, a partir do trabalho em cartel, o cartelisante pode apresentar um projeto de trabalho para entrar na Escola.

O cartel a meu ver deve também funcionar para o dispositivo do passe, isto é, o júri deve se constituir em cartel, ou seja, com quatro membros mais-um.

3.2 - O passe e o AE

O passe deve ser apenas utilizado para verificar a passagem a analista no interior de uma análise devendo portanto ser excluído o passe como dispositivo para se entrar na Escola. Não devemos recuar diante da nomeação AE como articulado na Proposição, acrescido da possibilidade de o passante, no caso de uma resposta negativa, encontrar-se com o cartel-júri para conhecer as razões de sua não nomeação. O dispositivo deve compreender, de acordo com minha experiência no cartel do passe na EBP, dois passadores, pois aquilo que não passa com um pode passar com outro, fazendo com que seus relatos sejam suplementares e mesmo complementares em alguns aspectos.

Considero que o passe deve ser um dispositivo internacional. Como? Cada zona lingüística da IF deve ter seu secretariado para receber as demandas de passe e encaminha os passantes para os passadores.

Imaginemos uma fórmula de funcionamento. Os cartéis poderiam ser bilíngües. De imediato já poderíamos constituir: um cartel franco-português, um cartel franco-espanhol, um cartel hispano-português. Em cada cartel haveria dois membros de uma língua que entendessem ou falassem a outra língua e dois membros da outra língua com as mesmas características. Eles seriam escolhidos pelas zonas linguísticas a partir de critérios a serem estabelecidos. Esses quatro escolheriam um mais-um que entendesse as duas línguas preferencialmente. Esse cartel, no que concerne a Europa e a América do Sul, se reuniria duas vezes por ano para escutar os passadores, uma vez de um lado e outra vez do outro lado do Atlântico. Haveria passadores de todas as línguas que nos diversos países escutariam passantes. O ideal seria haver passadores bilíngües, mas talvez isso não seja necessário para todos os passadores. Deixemos essa questão mais para adiante.

Os AE nomeados pelos cartéis do passe devem ter um reconhecimento enquanto tal pela comunidade dos membros da Escola e da IF, sem que lhes seja conferido o lugar de atores de espetáculo como na AMP, nem a obrigação que façam parte da hierarquia da Escola. Será que se deve exigir um ensino especial do AE? Não estou certo, ele pode trazer à luz o que extraiu de sua experiência do passe nas atividades diversas da Escola. Sua função principal é fazer parte do dispositivo do passe e testemunhar os problemas cruciais. Se o AE não tem função de ensino, seu título deve ser transitório? Se ele não for sacralizado pela instituição, não vejo problema que ele mantenha o título como a marca de seu passe. No entanto, se decidimos escolher a indicação de Lacan no seminário da Dissolução (1980), o título de AE deve permanecer por três anos. O importante é não sacralizar o título e sua função. O importante, para chegarmos à definição de seu lugar, é a discussão sobre o que a Escola espera de seus AE. O que fazer para que o passe não se torne uma injunção mas uma oferta da Escola? A que possibilita a demanda de passar pelo dispositivo? Não fazer do título de AE um emblema hierárquico parece-me o primeiro passo. Não utilizar o passe para se entrar na Escola é outro passo.

3.3 - A garantia de AME

O título de AME deve ser mantido e garantido pela Escola a nível internacional para aquele que "a Escola reconhece como psicanalista tendo dado suas provas" (Proposição). Como fazê-lo numa comunidade internacional? A nomeação poderia ser efetuada por uma comissão de garantia internacional com representantes de cada zona lingüística que trariam os nomes a serem reconhecidos e nomeados AME. As atividades internacionais, encontros, colóquios, jornadas seriam as ocasiões para

conhecermos os trabalhos de colegas de outros países, o que implica a abertura ao estrangeiro no que ele tem a dizer, sem julgar de antemão o que ainda nem foi dito. Da mesma forma, as publicações (a revista da IF e as publicações locais) devem propiciar o intercâmbio internacional. Além disso, proponho um investimento por todos os membros com o auxílio, pelo Brasil, de Rosângela Gorgosinho da IF, na Biblioteca da rede que atualmente está sendo constituída por François Morel. A Biblioteca da IF conteria todos os trabalhos de seus membros que a qualquer momento podem ser consultados. Isso facilitará o conhecimento do conjunto da produção individual de cada um – o que é uma forma de dar provas.

Outra forma de dar provas é a de ter formado analistas. Como sabê-lo? Por exemplo, pelo dispositivo do passe, o analista do AE se tornaria automaticamente AME. E pelo que é dado a conhecer na comunidade de trabalho local, que seria transmitido à comissão de garantia internacional pelo membro eleito na zona lingüística.

**4 - Os membros.**

Devemos ter apenas uma categoria de membro (e não membro associado ou aderente ou estrangeiro ou etc.). O membro pode se declarar ou não analista e ter o títulos de AME ou de AE. A Escola, a meu ver, pode ter não analistas, mas não não-analisantes ou pessoas que nunca foram analisadas.

Quem se torna membro da Escola? Aquele que dá provas de um percurso de trabalho no âmbito das atividades do Campo Lacaniano e de sua Escola e, após a constituição da Escola, aquele que, ainda não tendo um longo percurso, apresenta um projeto de trabalho que efetuará em cartel comprometendo-se a trazer a céu aberto suas elaborações quando da dissolução do cartel. Em suma, entra-se na Escola pelo trabalho: efetuado ou a efetuar.

Dentro de minha perspectiva de Escola todos os membros seriam membros de uma só Escola, a ECL. No Brasil, os membros da Escola do Campo Lacaniano seriam também membros da AFCL. Em outros tempos, dentre os membros da AFCL alguns serão também membros da ECL. Teríamos uma só lista de membros em âmbito internacional, uma só lista de AE e uma só lista de AME.

**5 - A Escola e os países**

Escola múltipla ou Escolas múltiplas? Eu opto por uma Escola múltipla. Será que ela seria possível e viável? Façamos o exercício de

imaginá-la. Ela poderia ter um só estatuto mínimo. Ela poderia ser uma Escola de fato sem necessariamente ser uma instituição pois já temos associações nacionais registradas com membros em muitos países onde a IF está presente. E sua Escola internacional poderia ter uma carta de princípios que funcionará como estatuto de fato que regeria seu funcionamento. Teríamos assim a ECL em cada país da IF, a qual teria como função organizar os cartéis, o secretariado do passe e as atividades epistêmicas articuladas a nível local com os FCL e as FCCL e a nível nacional com a AFCL, no caso do Brasil.

**6 - AFCL e ECL**

O engajamento no Campo Lacaniano poderá ser efetuado gradativamente: como membro local de um FCL, como membro nacional da AFCL e como membro internacional da ECL. Se os Fóruns têm como vocação a articulação dos outros discursos com o discurso do analista, não vejo problema que constituam um conjunto que circunde a Escola, a qual se encontraria em seu âmago, que seria portanto ao mesmo tempo interna e externa à AFCL. Assim a ECL corresponderia ao furo do interior do toro (circundada pela borda do desejo, cf. Lacan no sem. IX).

**7 – Proposta de decolagem:**

*Primeiro tempo*: constituição do conjunto de membros da ECL. Isto poderia ser feito em cada país a partir, por exemplo, dos delegados mais o representante que constituiriam assim de fato uma comissão de acolhimento das demandas de se entrar na Escola a partir de critérios internacionais comuns.

*Segundo tempo*: uma vez constituído o conjunto de membros da Escola, seria efetuado o processo de constituição de um colegiado internacional de garantia, que ficaria proposto sobre os dispositivos de disjunção de AME e lançamento do cronograma de constituição da ECL na Assembléia da IF em 2001.

Rio de Janeiro, 4 de junho de 2000